

A verdadeira história do massacre da expedição Calleri

Amazonas, 1968. O padre italiano João Calleri e os oito membros da expedição que ele comandava para pacificar os uaimiri-atroari são barbaramente assassinados. Trinta anos depois, um livro traz novas revelações sobre a tragédia. Os índios não agiram sozinhos. Eles foram instigados – e ajudados – por brasileiros e missionários americanos interessados em explorar as jazidas de ouro e cassiterita de suas terras

Durante trinta anos, os registros oficiais sustentaram que os índios uaimiri-atroari massacraram o padre italiano João Calleri e outras oito pessoas da expedição que ele comandava, no Amazonas. A expedição tinha por missão pacificar esses índios para permitir o avanço das obras da BR 174, rodovia que ligaria Manaus a Caracas, na Venezuela. Agora, um outro padre, Silvano Sabatini, apresenta em um livro o resultado de investigações que iniciou logo depois do massacre e perduraram por esses trinta anos. *Massacre*, o livro, desmonta a versão oficial.

Baseado no testemunho de índios que participaram dos fatos, mostra que dois brancos comandaram o massacre: um brasileiro, o mateiro Álvaro Paulo da Silva, que integrava a expedição mas se desligou dela, e o missionário americano Claude Lcavitt (Kron), na pronúncia dos índios, da Missão Evangélica da Amazônia, MEVA, que atuava nas fronteiras do Brasil com Suriname e Venezuela. A decisão de matar Calleri, diz o livro, incluiu um segundo missionário da MEVA, Robert Hawkins. E um coronel reformado do exército britânico, William Thompson, vindo da ex-Guiana Inglesa e aliado dos dois americanos. Hawkins e o inglês não participaram diretamente do massacre.

Ouro e religião

Álvaro morreu em 1981. Os dois missionários americanos, diz o padre Sabatini, vivem nos Estados Unidos. Por que o massacre? Está no livro: "Calleri era católico e a MEVA não queria que ele levasse sua religião aos uaimiri-atroari, por isso decidiram matá-lo. Em uma de suas primeiras viagens a Manaus, Kron entrou em contato com Álvaro Paulo e acertou com ele o assassinato do padre e, para isso, a MEVA pagaria US\$4 mil ao mateiro".

Os depoimentos do livro mostram que a questão não se resumia só nisso. Os missionários americanos e o coronel inglês não estavam apenas interessados na evangelização dos índios, mas no ouro que havia em seu território. "Os depoimentos provam que Kron e Thompson realizaram pesquisas minerais em áreas próximas e coincidentes às áreas onde hoje está a (empresa de mineração) Parapanama", disse o padre Sabatini ao JT.

O padre foi o coordenador da expedição Calleri. Em outubro, pediu a reabertura do inquérito ao Ministério Público Federal e depois na 6ª Câmara de Coordenação e Revisão, que cuida das comunidades indígenas e minorias. No mês passado, o procurador Carlos Frederico Santos começou investigações em Roraima e no Amazonas – ainda em curso. O primeiro inquérito que investigou as causas do massacre foi aberto em 12 de dezembro de 1968 e encerrado em maio seguinte. Concluiu que brancos não tinham participado do crime. "Desde aquele momento eu tive certeza absoluta de que a versão apresentada era falsa", diz Sabatini.

No começo desta década, o padre havia reunido "uma montanha" de documentos, depoimentos de brancos e recortes de jornais. "Eu estava num impasse, tinha tudo e não tinha nada". A partir de 1994, concentraram-se em colher depoimentos de índios envolvidos com os fatos, o que resultou em 200 horas de gravações. Um dos depoentes, Thomaz, chefe dos guerreiros uaimiri-atroari, conta em detalhes o massacre – do qual participou, como se vê adiante.

A expedição Calleri – oito homens e duas mulheres – partiu de Manaus em meados de outubro de 1968. No dia 26, o padre mandou uma mensagem: estavam acampados com os atroaris "na primeira maloca". "Os índios compareceram, de repente, no rio (o Abonari). Inicialmente se mostraram medrosos e desconfiados, depois nos ofereceram bananas e beijus, mas não nos permitiram entrar na maloca". Os índios se agitaram ao ver as mercadorias levadas pela expedição para presentear os. Mas, "mediante artifícios oportunos", os expedicionários os estimularam ao trabalho. Os índios descarregaram ao trabalho. Os índios descarregaram ao trabalho.

havia surgido na maloca do chefe Maroaga e o alertado de que o padre chegaria. Os camuflados (chamados de "soldados") disseram a Maroaga, segundo depoimento de Thomaz Uaimiri: "Ele vai dar quatro tiros para o ar, avisando que está chegando (...). Vocês fingem que estão contentes com a chegada deles e depois matam". Calleri realmente daria tiros para o ar, para anunciar sua chegada (sem o aviso, os uaimiri-atroari poderiam tomá-los por invasores).

Muito cedo, no dia 31 – o do massacre –, Álvaro reuniu-se com Kron e os uai-uai e depois com os "soldados". Lé-se: "Os assassinos chegaram às cinco horas da manhã, quando ainda estava escuro. Os uaimiri-atroari dormiam e reinava o mais absoluto silêncio no acampamento dos expedicionários, próximo às margens do rio (...). Álvaro Paulo e os "soldados" entraram na maloca acordando os uaimiri-atroari, convocando-os para irem juntos matar os expedicionários".

Tiro na barriga

Thomaz Uaimiri, um dos sete com quem Álvaro tinha falado na véspera, narra: "Aí a gente levantou e pegou as armas. Pegou flecha, pegou lança grande e foi". A caminho, combinaram que Thomaz, como chefe dos guerreiros, seria o primeiro a flechar. Depois, Maroaga e Maiká (os dois, chefes), e Comprido, Mimi e os outros. "Mas quem atirou primeiro foi um branco."

"Calleli ainda dormia, deitado em sua rede e o tiro atingiu na barriga. No entanto, o padre era forte como um touro e, mesmo baleado, saltou de sua rede, cambaleando (...). Thomaz então armou seu arco e disparou. A flecha atingiu o padre pelas costas (...) e Calleri dobrou-se ainda mais, caíndo com o corpo atravessado sobre a rede enquanto os outros índios disparavam mais flechas contra ele". Thomaz diz que levou um tiro e desmaiou. Logo voltou a si e viu que todos os homens da expedição estavam mortos. Os "soldados" discutiam o destino das duas mulheres, "enquanto quatro guerreiros uai-uai, reunidos à distância, somente observavam". Descreve o livro: "Os índios, especialmente Maiká, queriam mantê-las vivas, como suas mulheres. Os 'soldados', especialmente Álvaro Paulo, contudo, não podiam permitir que elas sobrevivessem (...). A primeira a ser morta foi Mercedes e em seguida Marina".

As mulheres fizeram seus corpos mutilados pelos "soldados". Kron mandou os uai-uai levarem todos os corpos para a beira do rio, mas eles se recusaram, por medo de tocá-los. Mas o missionário americano mandou os "soldados" amarrarem os corpos e os índios os puxaram até a margem. "Com a chegada da chuva, a várzea logo estaria inundada e os cadáveres seriam encobertos pela água e devorados pelos peixes e bichos do mato". Não houve tempo. No dia 30 de novembro – um mês depois das mortes – uma equipe de buscas e salvamento da Força Aérea Brasileira os encontrou.

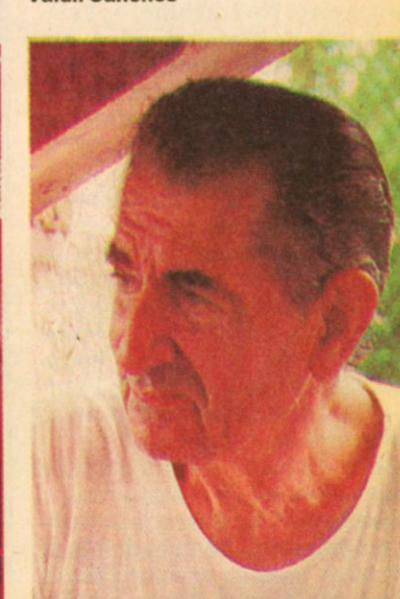
Os pertences da expedição foram distribuídos entre os envolvidos no massacre. "O próprio Kron recolheu, como sua parte da pilhagem, os pertences pessoais de Calleri, inclusive um pequeno diário que o padre sempre levava preso ao braço esquerdo". Meses depois, os uai-uai encontraram na clareira do Alalau, onde Kron montara sua base, restos da pilhagem. Entre eles estava o diário de Calleri.

Massacre (Edições Loyola, 239 páginas, R\$ 20) recebeu forma final dos jornalistas Antonio Carlos Fon e Denise Santana Fon. Foi lançado na quarta-feira.

Validir Sanches



PONWÉ: envolvido no crime



O AUTOR DO LIVRO, padre Silvano



PACIFICADOR: a missão do padre Calleri era convencer os índios a permitir o avanço da BR 174



MEMBROS DA EXPEDIÇÃO CALLERI: uma das últimas fotos antes de partirem para seu trágico destino na selva



O SUSPEITO Álvaro, agachado diante das ossadas



O ÍNDIO THOMAZ, um dos assassinos: revelações



Onde aconteceu